

# ENTRE DORES: JUDITH E FLORBELA

*Eliana Luiza dos Santos Barros<sup>1</sup>*

## RESUMO

Em Portugal, século XX, Judith Teixeira e Florbela Espanca foram contemporâneas e ambas tentaram romper com as amarras impostas pela sociedade daquela época, ressignificando o lugar da mulher e apresentando um saber sobre a dor. Ao debruçar sobre a escrita das poetisas percebe-se que o sofrimento atravessa suas produções poéticas, guardando as devidas diferenças. Neste trabalho pretende-se tecer algumas considerações em torno da dor, buscando uma articulação da psicanálise com a literatura a partir de fragmentos da vida e obra das escritoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Judith Teixeira. Florbela Espanca. Dor. Psicanálise. Literatura.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica. Mestre em Literatura Portuguesa/UERJ. Psicanalista membro do Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Integra o grupo de pesquisa do CNPq, intitulado "Figurações do Feminino: Florbela Espanca et Alii". [elianaluiza@globo.com](mailto:elianaluiza@globo.com)

“O poema é cura, não doença. Escrevo para ser feliz, para me libertar do sofrimento, não para sofrer. É a alquimia da dor em alegria estética. Mesmo quando a coisa é doída, amarga, naquele momento a transformo no ouro que é o poema... Discordo quando dizem que a arte revela a realidade. Na verdade a arte inventa a realidade... A poesia é uma dessas criações no terreno da fantasia, que existe porque a vida não basta. Eu escrevo para ser feliz, escrevo porque estou me inventando, para ser melhor do que sou”.<sup>2</sup>

Em Portugal, século XX, Judith Teixeira (1880-1959) e Florbela Espanca (1894-1930) foram contemporâneas e ambas tentaram romper com as amarras impostas pela sociedade daquela época, ressignificando o lugar da mulher experienciando poeticamente as sensações e expressões da dor. Judith e Florbela, portanto, enleiam-se na dor, comparecendo em ambas uma convergência de articulação poética nesta direção. O sofrimento atravessa suas escritas, guardando as devidas diferenças. Embora a história de vida e a trajetória de cada uma seja única, podemos observar uma multiplicidade de temáticas que atravessam seus textos, como, por exemplo, a angústia da solidão, a sensualidade, o erotismo, o desatino da paixão, o sofrimento e a “Negra Dor<sup>3</sup> espavorida<sup>4</sup>”. Ressaltamos que a temática da dor será abordada neste trabalho pelo viés da psicanálise, se pautando em alguns momentos da obra freudiana.

A psicanálise sempre se reconheceu próxima às artes em geral, em especial à literatura. Com artifícios próprios, tanto a psicanálise quanto a literatura procuram desvendar a complexidade da existência humana revelando o que há de mais oculto, perturbador, obscuro, e conflituoso em cada um de nós. Freud utilizou-se da literatura para construir sua teoria do psiquismo. Poetas e romancistas, para Freud, são preciosos por anteciparem o que os psicanalistas acabam por revelar. Em seu texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” afirma:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, 1907: 18).

Nesse sentido o poeta torna-se um aliado na análise freudiana para entender os meandros do sujeito do inconsciente. Florbela enfatiza a dor experimentada pelo

---

<sup>2</sup> Fragmentos da entrevista do poeta brasileiro Ferreira Gullar, à revista Veja em 16/06/2010.

<sup>3</sup> O lexema “dor” e seus derivados virão, durante várias passagens deste ensaio, mais especificamente nos poemas de Florbela e Judith, com grifo de nossa lavra.

<sup>4</sup> “Onde vou”.

poeta no verso que segue: “Só quem embala no peito/Dores amargas e secretas/É que em noites de luar/Pode entender os poetas” (Espanca, 1996, p.16).

A dor de existir está associada ao vazio de ser do sujeito, a falta a ser. Para a psicanálise o não ser é condição radical de todo sujeito, e tanto Judith quanto Florbela buscam justamente produzir a partir deste vazio. As duas tiveram uma trajetória nevoenta, esbarrando no diapasão da dor e pela via da escrita aplainam a montanha da inquietude desassombrando os subsolos da alma.

Do ponto de vista da psicanálise não existe diferença entre a dor física e dor psíquica, pois é da ordem do impossível esta separação radical. Nesse caminho, a propósito da dor, revela Judith: “Rasgo nas mãos doloridas,/ escorrendo de luar,/as sombras espavoridas /que me assombram o olhar! Anda a loucura a desgrenhar-me –o corpo e o pensamento...”<sup>5</sup> (Teixeira, 2015, p.75). Por seu turno, Florbela reconhece na pele os efeitos da dor: “Pelo meu rosto branco, sempre frio,/fazes passar o lúgubre arrepio/das sensações estranhas , dolorosas<sup>6</sup>... (Espanca, 1996, p.219).

No início de sua obra, no texto, “Projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud entende a dor como consequência da ruptura de barreiras, ou seja, de um excesso de energia que rompe as resistências e deixa marcas permanentes que clamam por um direcionamento do aparelho psíquico. As poetisas nos remetem às teorias freudianas quando em seus poemas apontam esse descomedimento na dor, marcando um arrombamento psíquico, dito de outro modo, a dor é a manifestação do fracasso do aparelho psíquico. Vejamos como Florbela no poema “Sem remédio” fala do desencadeamento da dor:

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que eu sinto e o que sou...  
Não sabem que passou, um dia, a Dor,  
À minha porta e, nesse dia, entrou.[...]

Sinto os passos da Dor, essa cadencia  
Que é já tortura infinda, que é demência!  
Que é já vontade doida e gritar! (Espanca,1996, p.158)

No poema “Insônias” Judith chega a se identificar com a própria dor, demarcando um eu ressentido exprimindo o espedaçamento de suas fantasias:

---

<sup>5</sup> “O Meu Destino”.

<sup>6</sup> “Mistério”.

Despedaçam-se ilusões  
dolorosamente!  
Rasgo o cetim que me veste,  
Em convulsões,  
perdidamente!

E o vento sempre a uivar...  
Outro grito espavorido!  
Sinto latejar a Dor...  
É dentro do meu vestido!  
Foi aqui que a dor gemeu...  
É no meu ser, dentro de mim.  
-Sou eu! Sou eu! (Teixeira, 2015, p.64).

Os poemas “Insônias” e “Sem remédio”, se aproximam no sentido de um turbilhão que não cessa culminando num profundo sofrimento. Vê-se também no texto um testemunho de aniquilamento pela dor.

Cerca de duas dé-cadas depois, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud relaciona as experiências dolorosas ao interesse pela vida e ao desinvestimento libidinal: “É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento” (Freud, 1914, p. 98). Judith e Florbela, torturadas pela dor em determinados momentos, parecem perder o interesse pela vida: Judith no poema “Ansiedade” menciona: “ Fui até pela dor repudiada.../Mãe! Quero regressar- voltar ao nada-/ e perder me na grande escuridão! (Teixeira, 2015, p.88). Este trecho traduz a dimensão de um sujeito desamparado e que nem mesmo pela dor foi acolhido. Já Florbela quando diz: “... Minh’alma triste, dolorida e escura,/Minh’alma sem amor é cinza e pó,/Vaga roubada ao Mar da Desventura!”<sup>7</sup> (Espanca, 1996, p.200), encarnando o próprio estandarte da dor, tomando-o para si.

Já em “Luto e melancolia” (1917), Freud compara explicitamente a dor ao luto. Qualifica de dolorosa a disposição para o luto e deixa entender que uma situação de perda promove intensa excitação dolorosa. No decorrer da vida todo sujeito confronta-se com perdas que provocam experiências de dor. Os sonetos abaixo ilustram a construção de um “eu” doloroso, arrastado a um estado permanente de luto:

---

<sup>7</sup> “Hora que passa”.

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...<sup>8</sup> (Espanca, 1996, p.133)

Judith chega a compor uma seleção que intitula “Sonetos da Minha dor” e no poema “Crepúsculo” ressalta a escrita de uma dor na saudade apontando uma desesperança:

Hora em que erguem maldições atrozes...  
E em que os sinos, ao longe, são as vozes  
Indefinidas de miséria e dor!...

Hora dos neurastênicos, dos tristes...  
Hora em que eu sinto bem que ainda existes,  
nesta saudade duma dor maior! (Teixeira, 2015, p.117).

A concepção da dor se refina em “Além do princípio do prazer” (1920), texto em que Freud afirma que a vida psíquica se caracteriza por uma mistura de prazer e um mais além, lido, posteriormente, por Jaques Lacan, como gozo<sup>9</sup>. A dor causa um desprazer sem impedir que daí se extraia um gozo, comparecendo um apego e uma

---

<sup>8</sup> “Eu”.

<sup>9</sup> Recorro ao meu livro que se intitula Florbela Espanca: Laços de amos e dor, para falar do conceito de gozo. Freud ensina que a dor se enlaça ao gozo e o sujeito consegue extrair disso uma sensação de satisfação, revelando que as pulsões de vida e de morte se intrincam e conduzem o sujeito em sua mais inefável existência. Recorrendo à mitologia grega, discorreu sobre o amor como Eros e a morte como Tântatos. Eros, como pulsão de vida, representa a criatividade, o desejo, e tem como função aplacar a tendência à destruição da vida, que conduz o homem em direção à morte. Além disso, pensou o amor e a morte atrelados um ao outro e presentes em todos os sujeitos, visto que as pulsões de vida e de morte estão sempre amalgamadas. Assim, muitas vezes não se percebe a presença silenciosa da pulsão de morte, subjacente aos processos ruidosos das pulsões de vida. Em “Além do princípio do prazer” (1920), ele definiu a pulsão de morte como tendência a reduzir toda e qualquer tensão ao ponto zero. A pulsão de morte, a um mesmo tempo primitiva e conservadora, caminha em direção à inércia. Já as pulsões de vida, formadas pelas pulsões sexuais e pelas pulsões de autoconservação, também são conservadoras, mas trabalham no sentido de reorganizar o que as pulsões destrutivas desatam. Sabe-se que, em sua obra, Freud não abordou o gozo como conceito. Foi Lacan quem avançou na reflexão sobre ele. Sabe-se também que a finalidade das pulsões é a satisfação sexual (gozo) e que o conceito lacaniano de gozo não significa que ocorra uma sensação consciente de prazer. Assim como inconscientemente encontra prazer na dor, o sujeito goza em seu próprio aniquilamento. O gozo, portanto, pode ser entendido como um excesso, um mais além do prazer, ou seja, uma manifestação do corpo próxima da dor e do sofrimento.

repetição do sofrimento, dinâmica essa que nos faz lembrar um poema de Teixeira “E é sempre a mesma dor angustiada/em cada sensação realizada” (Teixeira, 2015, p.67), e outro de Florbela que alude a uma dor que a exaspera: “Nesta dor que me exalta e me alevanta” (Espanca, 1996, p.237).

Lembre-mo-nos também que a importância da dor na economia psíquica continua a ser desenvolvida por Freud no artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924), no qual enfatiza a disposição masoquista própria à vida pulsional e defende que a dor e o desprazer podem ser mais do que um simples alarme, tornando-se fins em si mesmos. Ressalta ainda o caráter inconsciente do masoquismo. Judith e Florbela ilustram o que Freud ensinou sobre o masoquista presente em todos os homens, mesclando em seus textos o prazer e a dor. Judith menciona a dor prazerosa conforme sugere o poema “Liberta”: “Hoje, ergue-me a ânsia enorme/de outras horas viver! / Sensualizando a vida,/ descobrindo novas fontes, de dor e de prazer ...” (Teixeira, 2015, p. 77). E ainda realça uma dor enfeitada e santificada. Marca a presença dissimulada da expiação dizendo: “Bebo a dor latente; e sagrada”<sup>10</sup> (Teixeira, 2015, p.150). Florbela padece de uma dor e aponta sua presença insidiosa no poema “A minha dor”: “A minha Dor é um convento ideal” [ ] A minha dor é um convento.há lírios/Dum roxo macerado de martírios, Tão belos como nunca os viu alguém! (Espanca, 1996, p.138). Em ambas comparece um prazer numa abordagem da dor como cárcere<sup>11</sup>.

A dor, portanto, faz com que a homeostase do aparelho psíquico e o princípio de prazer sejam suprimidos, e se vivenciada intensamente pode ter um efeito de extrema desorganização psíquica, necessitando ser simbolizada. Nesse sentido Juan-David Nasio explica:

Sabemos que esse estado de dor extrema, mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última críspação do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada (Nasio, 1996, p. 12).

Florbela viveu profundamente a dor e fez dela sua morada, como realça no poema “Castelã da tristeza”: “Vivo sozinha em meu castelo: a Dor” (Espanca,

---

<sup>10</sup> “Domínio”.

<sup>11</sup> A respeito de Florbela, Fabio Mario Silva em seu texto: “A construção de uma autoridade poética através das sensações e expressões da Dor no Livro de Magoas” (2012), ilustra a questão do gozo quando se refere a um prazer na dor, considerando um tal masoquismo poético.

1996,p.134). Já Judith no poema “Tédio” deixa aflorar a dor, como bem mostra afirmando: “E a sombra no meu peito é tanta, tanta,/ tamanha a dor, que meu olhar quebranta,/que se olho o sol, começa a anoitecer!...” (Teixeira, 2015, p.119). É possível notar nas palavras das poetisas uma multiplicidade de revelações dolorosas inscrevendo seus dramas íntimos.

Nos respectivos sonetos abaixo, elas se reportam a um vazio, o que talvez possa ser entendido como uma forma de organização em torno dele. A dor clama por palavras que possam simbolizá-la por meio de um bem dizer<sup>12</sup>. Para Judith a dor se torna terreno fértil para a criação e inspiração poética: “Desperto entre destroços e ruína,/ e a terra oscila ainda num rumor... /As árvores, fantasmas em neblina, rangem ao longe a sua estranha dor”<sup>13</sup> (Teixeira, 2015, p.120). Florbela se coloca como a própria dor, traz consigo uma dor precoce, de origem (frequentemente relacionada a situações de abandono encarnadas na figura da mãe)<sup>14</sup>, que fundamenta sua escrita: “Eu tenho lido em mim, sei-me de cor, /Eu sei o nome ao meu estranho mal: /Eu sei que fui a renda dum vitral, /Que fui cipreste e caravela e dor!”<sup>15</sup> (Espanca, 1996, p.178).

Lacan, em alguns momentos de seu ensino, utilizou a expressão “dor de existir”, deslocando-a de seu significado comum. A dor de existir não é prerrogativa peculiar da melancolia<sup>16</sup>; o campo do sofrimento humano é vasto e ela se apresenta em vários matizes, passando por diferentes gradações. A dor de existir, não se trata de uma doença e não precisa ser curada, portanto, está associada à falta a ser, relativa à própria existência como vazio. E é este vazio que não cessa de se presentificar nos versos das poetisas e que é pertinentemente expresso nos seus versos: Diz Judith “Ando na vida às escuras../Se estendo as mãos doloridas,/abrasam-me mordeduras/de bocas encandescidas!”<sup>17</sup> (Teixeira, 2015,

---

<sup>12</sup> É Lacan quem nos convida a bem- dizer, bem dizer o sintoma. Trata se de um bem que deve dar forma ao ato de dizer, ou seja, dizer da melhor forma possível, visando mudar a posição do sujeito.

<sup>13</sup> “Cinzas”.

<sup>14</sup> Maria Lúcia Dal Farra destaca em seu texto “A dor de existir em Florbela Espanca” que em alguns momentos de sua obra Florbela se remete a sua mãe, “precocemente morta em, em 1908, aos 29 anos, e, com muita ênfase, em um dos seus últimos poemas:justo naquele em que suplica a entronização definitiva no reino da Morte, entidade que ela clama para curar-lhe a dor de existir” (Dal Farra,2002, p.293).

<sup>15</sup> “O meu mal”.

<sup>16</sup> A melancolia para Freud foi classificada na categoria das “neuroses narcísicas”, e se instala sob a forma da incorporação do objeto perdido no seio do próprio sujeito. A perda do objeto se transforma numa perda do eu e o conflito entre o eu e a pessoa amada numa cisão entre a crítica do eu modificado por identificação. A partir das indicações freudianas a melancolia é um tipo de psicose. Para Lacan a melancolia, a esquizofrenia e a paranoia situam se no âmbito da estrutura psicótica.

<sup>17</sup> “Delírios rubros”.

p.85). Enquanto Florbela lamenta: “Eu grito a minha dor, a minha dor intensa!/Esta saudade enorme, esta saudade imensa!/É só a voz do eco à minha voz responde...”<sup>18</sup> (Espanca, 1996, p.91). Ambas reafirmam o terrível vazio e a solidão da existência.

Como um outro ponto de reflexão gostaríamos de aludir o texto de Lacan, “Kant com Sade”, que nos chama a atenção para a dor de existir de que fala o budismo, desvelada pelos melancólicos em seus “tormentos infernais” e aponta que, tal como o prazer, a dor tem “seu fim: é o esvaecimento do sujeito” (Lacan, 1963: 785). Encontramos nos versos de Judith traços daquilo que Lacan descreveu: “Uivou dentro de mim a dor.../Só lhe perco o som e a cor /em orgias de morfina!<sup>19</sup> (Teixeira, 2015, p.65), o mesmo acontece em alguns versos de Florbela: “Coveiros, sombrios, desgrenhados,/Fazei-me depressa a cova/Quero enterrar a minha dor/quero enterrar-me assim nova”<sup>20</sup> (Espanca, 1996, p.7). Judith e Florbela encontram-se no território da dor de existir, e estes sonetos refletem o desejo de desaparecimento, desejo de passagem da vida dolorosa para uma eternidade sem dor.

Outro poema judithiano inquietante se intitula “Ressurgimento” e menciona uma expurgação na dor, colocando em cena um sujeito que a partir do confronto com o sofrimento se purifica e ressuscita para o mundo. O significante dor exprime fantasias de desengano, mas ao mesmo tempo predispõe ao renascimento. A dor se torna necessária para abrandar as aflições.

Passei o dia triste meu amor...  
Foi um domingo inteiro de agonia.  
Tudo empalidecera em derredor,  
ficou a latejar a dor sombria!

Que doloroso e cálido sabor,  
nos lábios me abrasava todo o dia!  
Sentia ter bebido a própria dor,  
dor imprecisa, negra nostalgia... [ ]

E agora, amor, a minha angustia acalma,  
Purificada na dor, a minha alma,  
Vai ressurgir de novo para a vida! (Teixeira, 2015, p.62).

---

<sup>18</sup> “Aonde?...”

<sup>19</sup> “Fim”.

<sup>20</sup> “As quadras dele (l)”.

Sabe-se que Jaques Lacan, em suas referências à estruturação do psiquismo, destacou três registros: simbólico, imaginário e real. O primeiro deles é o universo da palavra e da lei; o segundo, o campo do sentido e da imagem do próprio corpo, enquanto o último, pertencente ao registro do impossível, engloba a dimensão do desamparo, do sem sentido e do que resiste a todo processo de simbolização. O real sempre se presentifica de forma avassaladora, razão pela qual o encontro com ele tem valor de trauma. Na dor Judith e Florbela parecem respectivamente se deparar com o não representável, daí uma abrupta irrupção do real, desorganizando as leis do simbólico, arrombando o imaginário.

Não é difícil encontrar em Judith e Florbela indicativos que reafirmam o desamparo. Alguns de seus poemas são suplícios de quem vive uma eternidade infecunda. Judith no poema “Estranha Dor” aponta para uma familiaridade e ao mesmo tempo um estranhamento com a dor:

Olho os cravos garridos  
Estridulando em cor...  
e escuto a dor do meu destino,  
cada vez mais candente, mais vivida, maior!-  
A dor dos incompreendidos...  
-Estranha dor! (Teixeira, 2015, p.101/102).

Florbela aparentando um desencanto absoluto, expõe uma dor desmedida, que não comporta seus versos: <sup>21</sup> Diz no poema “Impossível”:

---

<sup>21</sup> De acordo com Maria Lúcia Dal Farra: “A dor é, nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em verso, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa, o leitmotiv mais tocante. Todavia, não insufla apenas a sua obra: é componente patético de sua própria vida...” (Dal Farra, 2002, p.11 ).

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:

“Parece Sexta-Feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar de olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe ... [ ]

Os meus males ninguém mos adivinha ...

A minha Dor não fala, anda sozinha ...

Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera! ...

Os males de Antó toda a gente os sabe!

Os meus ... ninguém ... A minha Dor não cabe

Nos cem milhões de versos que eu fizera! (Espanca, 1996, p.162)

Nascidas no final do século XIX, Judith e Florbela deixam suas marcas na literatura portuguesa, exprimindo um texto intimista, revelador e misterioso que tentam desvelar os abismos insondáveis subjacentes em todo sujeito. A produção poética de ambas é forte, tocante, apaixonada e dolorida. Apresentam uma literatura irreverente arriscando voos livres. Criam versos que dão voz à sensualidade feminina, inscrevendo seus dramas íntimos. Ousadas, perturbadoras, audaciosas e marginalizadas, adentram no domínio da transgressão e fogem do modelo de mulher social vigente. Viveram numa sociedade rígida e conservadora e ambas quebraram regras que aprisionam o sujeito e o encarcera na hipocrisia. Judith provocou escândalos pela referência à homossexualidade feminina, volúpia e prazer. Florbela primando pelos excessos sempre se opôs ao conservadorismo, casou-se três vezes se divorciando em duas delas, num época em que isso raramente acontecia. Foi também mensageira de uma poética plena de contornos eróticos e tinha em sua conta a desconfiança de um possível incesto com seu único irmão, Apeles Espanca<sup>22</sup>.

Tanto Judith quanto Florbela desafiaram preconceitos vigentes acerca da sexualidade feminina, foram escritoras rebeldes, tiveram um reconhecimento tardio e foram estigmatizadas por uma escrita amoral, onde imperava o erotismo<sup>23</sup>. Gritaram em seus versos suas dores procurando uma reinvenção de seu viver. Frente à dor de existir discorrem sobre questões que tantos desejam e ao mesmo tempo temem. Uma poética que revela suas inquietações na tentativa de decifrar o enigma da existência

---

<sup>22</sup> “Florbela Espanca e Judith Teixeira: o mito das femmes fatales na Literatura Portuguesa” de Fabio Mario da Silva, 2014.

<sup>23</sup> Claudia Pazos Alonzo em seu texto “Judith Teixeira: Um caso modernista insólito” (2015), convoca Florbela e Judith apontando uma proveitosa comparação entre as duas, deixando claro algumas semelhanças.

e aplacar o sofrimento. Neste sentido a escrita pode ser uma muralha de defesa, um escudo contra o que há de insuportável na vida.

Quanto de Judith ou de Florbela somos nós? Tanto uma como a outra oferece um espelho onde se pode vez ou outra nos reconhecer. Em cada um de nós habita um pouco dessas mulheres. O que ensinam? Essa foi uma orientação freudiana que devemos aprender com os artistas e escritores. Inclusive Freud afirma que os poetas se adiantam aos psicanalistas

Com sua poética Judith e Florbela sensibilizam o seu leitor, assim como nos apontam o bem dizer da dor de existir. Conseguem impregnar em seu texto uma densidade poética que ora expõem seu íntimo desvelando a dor que as atormentam, ora o amor que alcança seu expoente máximo.

As poetisas sabiam melhor do que ninguém a intensidade de sua dor, e na escrita realça seus relevos e contornos. É uma poética que traz uma dimensão de algo misterioso e insondável, apontando que cada ser humano será sempre enigmático, incompleto e singular em seu sofrimento.

Rematando, podemos dizer que Judith e Florbela apresentam em seus textos varias dimensões da dor; uma dor de origem, ora uma dor melancólica, ora uma dor masoquista... enfim, a dor de existir que se presentifica em cada um de nós. Seus versos refletem nitidamente os rasgos da existência impossibilitados de remendos, mas também apontam alguma chama que pulsa neste imenso vazio que é a vida.

## **REFERÊNCIAS**

ESPANCA, Florbela(1915-31) Poemas. Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dai Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_ (1912-30) Afinado desconcerto (contos, cartas, diário). Organização de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras, 2002.

FREUD, Sigmund

\_\_\_\_\_ (1859a) Projeto para uma psicologia científica. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1907) Delírios e sonhos na 'Gradiva' de Jensen. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996

\_\_\_\_\_ (1908) Escritores criativos e devaneios. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1917) Luto e melancolia. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1920) Além do princípio do prazer: In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1924) O problema econômico do masoquismo. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jaques (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos.

\_\_\_\_\_ (1957-8) O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_ (1958-9) O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Inédito. Versão da Associação Psicanalítica de Porto Alegre a partir do texto estabelecido pela Association Freudienne Internationale, 2002.

\_\_\_\_\_ (1963) Kant com Sade In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NASIO, Juan-David (1996). O livro da dor e do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

TEIXEIRA, Judith (1923-27). Poesia e Prosa. Organização e estudos introdutórios: Claudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Portugal: Dom Quixote, 2015.

QUINET, Antonio (org.). (1999) Extravios do desejo: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

## **BETWEEN PAIN: JUDITH AND FLORBELA**

### **ABSTRACT**

In Portugal, the twentieth century, Judith Teixeira and Florbela Espanca were contemporary and both tried to break the shackles imposed by the society of that time, giving a new meaning to the place of woman and featuring a know about the pain. To dwell on the writing of women poets realize that the suffering runs through their productions poetic, keeping the necessary differences. This work intends to weave some considerations about the pain, seeking an articulation of psychoanalysis with the literature from the fragments of the life and work of the writers.

**KEYWORDS:** Judith Teixeira. Florbela Espanca. Pain. Psychoanalysis. Literature.

## **ENTRE LA DOULEUR: JUDITH ET FLORBELA**

### **RÉSUMÉ**

Au Portugal, le vingtième siècle, Judith Teixeira et Florbela Espanca sont contemporains et les deux ont essayé de briser le carcan imposé par la société de l'époque, de donner un nouveau sens à la place de la femme et doté d'un savoir sur la douleur. De s'attarder sur l'écriture des femmes poètes rendre compte que la souffrance s'exécute par le biais de leurs productions poétiques, en gardant le nécessaire différences. Ce travail a l'intention de tisser quelques considérations sur la douleur, la recherche d'une articulation de la psychanalyse à la littérature à partir de fragments de la vie et le travail des femmes écrivains.

**MOTS-CLÉS:** Judith Teixeira. Florbela Espanca. Douleur. Psychanalyse. Littérature.

*Entre Dores: Judith e Florbela*

Recebido em: 12-04-2018

Aprovado em: 27-05-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)